

PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA: UMA ANÁLISE DOS ASPECTOS SOCIODEMOGRÁFICOS E DAS ROTINAS DE CRIANÇAS NOS CONTEXTOS URBANO E RIBEIRINHO AMAZÔNICO

TATIANA AFONSO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ - UFPA

MARIA ELIZABETH COSTA ARAÚJO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ - UFPA

DANIELA CASTRO DOS REIS - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ - UFPA

SIMONE SOUZA DA COSTA SILVA - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ - UFPA

FERNANDO AUGUSTO RAMOS PONTES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ - UFPA

6

GÊNERO E POPULAÇÕES ESPECÍFICAS

PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA: UMA ANÁLISE DOS ASPECTOS SOCIODEMOGRÁFICOS E DAS ROTINAS DE CRIANÇAS NOS CONTEXTOS URBANO E RIBEIRINHO AMAZÔNICO

TATIANA AFONSO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ - UFPA

MARIA ELIZABETH COSTA ARAÚJO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ - UFPA

DANIELA CASTRO DOS REIS - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ - UFPA

SIMONE SOUZA DA COSTA SILVA - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ - UFPA

FERNANDO AUGUSTO RAMOS PONTES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ - UFPA

RESUMO

Os estudos sobre rotinas permitem identificar o modo como crianças e jovens de diferentes contextos utilizam seu tempo apontando assim para possíveis tendências desenvolvimentais. O presente estudo buscou compreender as rotinas de crianças beneficiadas pelo Programa Bolsa Família em dois contextos ecológicos diferenciados: periferia urbana de Belém (PA) e ribeirão amazônico (PA). Participaram deste estudo 60 crianças, 30 da população urbana (15 meninos e 15 meninas) e 30 da Ilha do Combu, região ribeirinha amazônica (16 meninas e 14 meninos). Utilizou-se o Inventário Sociodemográfico e o Inventário de Rotinas. Os principais resultados apontaram diferenças em relação aos arranjos familiares, no contexto urbano foi observado um número expressivo de famílias monoparentais femininas, e no caso das famílias ribeirinhas amazônicas houve prevalência de famílias nucleares com muitos filhos. As rotinas infantis refletiram tanto diferenças contextuais quanto semelhanças, já que ambos se apresentaram como contextos empobrecidos. Em relação às categorias descanso e lazer, as crianças urbanas apresentaram maior tempo gasto, com destaque à atividade assistir TV. Em relação às crianças ribeirinhas, houve uma significativa redução nas categorias descanso e lazer, com presença da categoria tarefa doméstica que não fora citada no contexto urbano. Os dados de companhia apontaram que tanto as crianças do contexto ribeirão quanto urbano passam grande parte de seu tempo sozinha. Em relação à categoria educação, pôde-se observar que o acompanhamento da atividade escolar no domicílio pelos responsáveis ainda é um tempo praticamente inexistente na rotina diária em ambos os contextos. Isso reflete diretamente as possibilidades dos pais e/ou responsáveis acompanharem a realização das tarefas escolares e aponta inclusive para a questão da baixa escolaridade. Tais achados confirmam a importância de políticas públicas como o Bolsa Família como o primeiro passo em direção ao rompimento com o ciclo de pobreza. No entanto, também revela as dificuldades apresentadas pelas famílias que sugerem a necessidade de ações governamentais de apoio no sentido de auxiliá-las no exercício de suas funções que contribuirão com o alcançar dos objetivos estabelecidos pelo programa.

PROGRAMA BOLSA
FAMÍLIA: UMA ANÁLISE
DOS ASPECTOS
SOCIODEMOGRÁFICOS
E DAS ROTINAS DE
CRIANÇAS NOS
CONTEXTOS URBANO E
RIBEIRINHO AMAZÔNICO

PALAVRAS-CHAVE: ROTINAS DE CRIANÇAS; PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA; POBREZA; CONTEXTO RIBEIRINHO AMAZÔNICO.

ABSTRACT

The studies about routines allow identifying how children and young people from different backgrounds use their time pointing to possible developmental trends. The present study sought to understand the routines of children benefited by the Programa Bolsa Família in two different ecological contexts: urban context of Belém - PA and Amazon's river context (PA). The study included 60 children, 30 of the urban population (15 boys and 15 girls) and 30 of Combu Island, Amazon's river region (16 girls and 14 boys). We used Socio-demographic Schedule and Inventory Routines. The main results showed differences in relation to living arrangements. In the urban context was observed a significant number of female single-parent families and in the case of the Amazon's river, there was a prevalence of nuclear families with many children. The different routines reflected contextual differences and similarities since both presented themselves as impoverished contexts. In relation to the categories rest and leisure, urban children had spent more time, especially watching TV activity. In relation to riverine children, there was a significant reduction in rest and leisure categories, with the presence of category housework that was not mentioned in the urban context. The company data showed that both children in the urban and river context spend much of their time alone. Regarding the education category, it was noted that the monitoring of school activities at home is still responsible for a time virtually nonexistent in the daily routine in both contexts. This directly reflects the possibilities of parents and / or guardians monitor the performance of school tasks and points including the issue of low educational level. These findings confirm the importance of public policies such as the Bolsa Família as the first step toward breaking the cycle of poverty. However, it also reveals the difficulties faced by families that suggest the need for government action to support in order to assist them in exercising their functions which will contribute to achieving the objectives established by the program.

KEYWORDS: ROUTINES OF CHILDREN, BOLSA FAMÍLIA'S PROGRAM, POVERTY, AMAZON'S RIVER CONTEXT.

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre rotinas permitem identificar o modo como crianças e jovens de diferentes contextos utilizam seu tempo avaliando tanto as atividades quanto os ambientes e as companhias. A análise do uso do tempo mostra-se capaz de revelar carências, dificuldades, assim como oportunidades de desenvolvimento e socialização (HUSTON; WRIGHT; MARQUIS; GREEN, 1999; LARSON; VERMA, 1999).

Cada atividade realizada em momentos específicos de tempo apresenta padrões caracteristicamente distinguíveis de comportamento, em que o participante se engaja por meio de regras, roteiro, papéis e objetivos em associação com diferentes experiências emocionais e motivacionais (SIMIONATO-TOZO; BIASOLI-ALVES, 1998). Exemplos de categorias fundamentais de atividade são: o trabalho doméstico, as tarefas escolares e o brincar (SILVA; PONTES; SANTOS; MALUSCHKE; MENDES; REIS; SILVA, 2010).

Os estudos sobre orçamento de tempo de crianças têm sido realizados principalmente em países desenvolvidos, como Estados Unidos e alguns países europeus. No Brasil, tais análises giram em torno das diferenças entre classes sociais. Carvalho e Machado (2006) em ampla e aprofundada pesquisa, compararam o uso do tempo de crianças das classes popular e média alta a partir de estudantes de escola pública e particular de Porto Alegre – RS, mapeando as atividades realizadas pelas crianças quando não estão na sala de aula, traçando assim comparações quanto ao gênero (entre meninos e meninas) e quanto aos diferentes grupos sociais (classe popular e classe média alta).

As mesmas autoras ressaltaram o **gênero** como sendo “um dispositivo simbólico e categórico, criado culturalmente, transformado historicamente e sustentado socialmente, que interfere diretamente nos usos do tempo das crianças e na organização interna das famílias” (CARVALHO & MACHADO, 2006, pp.72). E sendo assim, considera-se gênero como elemento importante nesta análise, somando-se a essa o contexto cultural no qual a criança está inserida.

A diferença de gênero tende a ser maior na adolescência e particularmente entre as famílias pobres, já que em muitos lugares, os pais valorizam o trabalho doméstico das meninas e preocupam-se em investir mais nos meninos (CARVALHO & MACHADO, 2006). Em estudos sobre populações ribeirinhas amazônicas (SILVA & cols., 2010) o gênero é um fator que demarca quais são as atividades desenvolvidas por cada membro familiar e nesse sentido, “as mulheres são responsáveis pelos cuidados domésticos e atividades executáveis dentro da casa, à medida que o homem trabalha e realiza suas ocupações nos espaços exteriores” (SILVA & cols., 2010, p. 348).

Associado ao gênero, tem-se o tempo destinado à escolaridade que na maioria das informações sobre as atividades, agrega dados sobre quem está ou não está frequentando a escola. Diversi, Filho e Morelli (1999) relataram que em comunidades pobres no Brasil, o dia escolar se resume em uma hora e meia, isso para que as escolas possam acomodar de 4 a 5 grupos de estudantes por dia. Outro dado de pesquisa demonstra que em muitas populações em transição, os garotos frequentam mais a escola do que as garotas (LARSON; VERMA, 1999).

PROGRAMA BOLSA
FAMÍLIA: UMA ANÁLISE
DOS ASPECTOS
SOCIODEMOGRÁFICOS
E DAS ROTINAS DE
CRIANÇAS NOS
CONTEXTOS URBANO E
RIBEIRINHO AMAZÔNICO

Diferenças sobre as rotinas de crianças entre populações (industrializadas ou não, presentes em contextos ecológicos diferenciados e com maior ou menor renda *per capita*) podem ser medidas a partir da quantidade de tempo gasto com tarefas diárias, como as escolares. As tarefas escolares são tidas como práticas culturais que ressaltam as relações da família com a escola (CARVALHO, 2004). Esse tipo de atividade é mais comum, no entanto, em contextos industrializados e acentuadamente mais frequentes, no caso brasileiro, em famílias que têm filhos em colégios particulares, onde são reconhecidas por pais e professores como ocupação adequada às crianças por se apresentar como um componente importante do processo ensino-aprendizagem (CARVALHO, 2004).

Não apenas as tarefas escolares ensinam e direcionam a aquisição de habilidades complexas para uma criança, mas o brincar e todas as atividades associadas a essa importante categoria se apresenta como um meio pelo qual uma criança aprende e interage com o mundo real, assim como com o universo cultural/simbólico no qual está inserida (REIS, 2007). A brincadeira representa um fator de grande importância no processo de desenvolvimento e de socialização da criança, proporcionando-lhe novas descobertas a cada momento, refletindo assim, o contexto no qual está inserida. Pesquisas apontam, no entanto, que a diminuição do espaço físico e temporal destinado ao jogo, provocado pelo crescimento da indústria de brinquedos, pela influência da televisão e de toda mídia eletrônica, se apresentam como elementos indicadores de preocupações com a atividade lúdica (NETO, 1995).

Neto (1995) destaca inclusive que as alterações ocorridas na estrutura social e econômica das sociedades, devidas ao processo de modernização e inovação tecnológica, geraram transformações nos hábitos cotidianos e na sua relação com os fatores ecológicos. Volpato (1999) afirma que as questões de tempo e de espaço para o jogo, a brincadeira e o uso do próprio brinquedo é um problema essencial das sociedades contemporâneas ou pós-industriais, entendendo que o uso do espaço, objetos de jogo e o tempo disponível para tal devam ser reconsiderados de acordo com as mudanças e razões de mobilidade de cada população, seja no meio urbano, nas periferias ou nas zonas rurais.

Numa leitura ecológica, aquilo que a criança faz, os papéis desempenhados pelas pessoas ao seu redor e as relações marcadas pelas trocas afetivas, estruturam seus microssistemas experienciados (BRONFENBRENNER, 1996). Tais microssistemas apontam de maneira indissociável para as características de ordem microssistêmica desses ambientes, ou seja, a composição familiar, características dos familiares, contextos que influenciam suas rotinas (escola, vizinhança, trabalho dos pais dentre outros) e os aspectos de ordem macrossistêmica que se refere à educação, pobreza, violência, oferta de trabalho, renda familiar e políticas públicas que visam garantir os direitos à alimentação, saúde, educação, moradia e trabalho aos desfavorecidos economicamente.

Sobre o microssistema familiar, muito tem sido considerado pelas ciências sociais e pela psicologia. Sabe-se que esse sistema vem sofrendo transformações importantes ao longo dos anos, no entanto, apresenta ainda uma rígida divisão sexual dos papéis e atribuições a partir do isolamento da mulher no espaço doméstico-familiar e a socialização do trabalho dos homens. Nesse sentido, as mulheres

passam ingressar na produção social, mas continuam responsáveis pela esfera doméstica (LAVINAS, 1996; SANCHES, 2001).

Diante das possíveis configurações familiares, ganha destaque as monoparentais femininas. Tal fenômeno cresce principalmente entre as famílias mais pobres e está relacionada à menor capacidade de ganho das mulheres, provocada por diversos fatores cujo principal vetor é a condição de gênero articulado à classe e etnia (BUTTO, 1998; CARLOTO, 2005; LAVINAS, 1996). Segundo dados do PNAD (1990) metade das mulheres que trabalham está no setor informal, destituída de direitos previdenciários. Elas trabalham majoritariamente em tempo parcial, contra apenas 15,5% dos homens. Dentre os trabalhadores que desenvolvem atividades em seu próprio domicílio, 82,2% são mulheres, indicando que as oportunidades de multiplicar suas atividades são restritas à possibilidade de compatibilização entre os limites do espaço e as atividades domésticas (PNAD, 1990).

Segundo Sanches (2001), em pesquisa desenvolvida em regiões metropolitanas, os lares mantidos por mulheres possuem renda familiar inferior aos lares onde os homens são os principais contribuidores. Para a autora, nas famílias mantidas por mulheres, encontram-se as maiores taxas de desemprego. Segundo dados do censo demográfico de 2000, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), aproximadamente 25% das famílias brasileiras são lideradas por mulheres e esta não é apenas mais uma forma alternativa de família dentre tantas outras, já que a monoparentalidade pode ser uma dificuldade a mais que sobrecarrega, em geral, a figura feminina (YUNES, GARCIA & ALBUQUERQUE, 2007). Para as autoras, isso sugere que as mulheres de classes de baixa renda e no papel de provedoras enfrentam uma somatória de problemas e mudanças que transcendem a questão da pobreza em si, sendo de extrema importância a manutenção de políticas públicas que visam diminuir os efeitos da pobreza sobre suas famílias.

Em relação às políticas públicas de ordem macrossistêmica, ganha destaque no caso brasileiro o Bolsa Família. Este programa surgiu a partir do Fome Zero com a expansão recente de programas de transferência de renda direta com condicionalidade focalizado na população em situação de pobreza e de pobreza extrema, contribuindo para uma ampla redistribuição de renda entre as famílias e atuando diretamente no rendimento familiar. Para as famílias com rendimento familiar *per capita* de até $\frac{1}{4}$ de salário mínimo, os rendimentos de *outras fontes* (como o recebimento do Bolsa Família) representavam 28,0%, em 2009, do total da renda familiar, ao passo que, em 1999, essa participação era de apenas 4,4% (IBGE, 2010).

Diante deste cenário, reconhece-se a importância de equipes de pesquisas brasileiras nas mais diversas áreas do conhecimento em participarem de trabalhos que busquem maior entendimento sobre os impactos dos programas que visam à redução da pobreza na vida da população. Este desafio exige técnicas e metodologias adequadas e refletem a parceria entre ciência e políticas públicas.

Não é de hoje que o conhecimento científico e as políticas públicas buscam de maneira integrada respostas aos principais problemas socioeconômicos que impactam de forma negativa a promoção do desenvolvimento humano. Dentre os teóricos interessados por esta relação, ganha destaque Ürie Bronfenbrenner, com

produções que desde o final da década de 70 vem auxiliando na geração de métodos sensíveis à relação entre pessoas e instituições presentes nos contextos dos quais fazem parte (BRONFENBRENNER, 2011).

Bronfenbrenner (1979/1996) em sua obra destaca a importância das políticas públicas não apenas aos sujeitos em desenvolvimento, mas também aos pesquisadores uma vez que serão tais políticas que apontarão os caminhos orientadores de suas questões. E desse modo, pesquisadores de áreas diferenciadas buscam construir procedimentos que tornem as ações governamentais mais eficazes nos seus propósitos desenvolvimentistas.

Dos programas governamentais das últimas décadas no Brasil tem se destacado, devido sua abrangência, o Bolsa Família (PBF), instituído em 2004 pela Lei 10.836, de 09 de janeiro de 2004, e regulamentado pelo Decreto nº 5.209/04, de 17 de Setembro de 2004. Foi organizado a partir da aglutinação de outros programas sociais como o Bolsa Escola vinculado ao Ministério da Educação; o Auxílio Gás do Ministério de Minas e Energia; e o Cartão Alimentação do Ministério da Saúde. O PBF, portanto, surgiu como o programa que propõe uma ação inovadora de redução da pobreza ao longo da história brasileira, tendo como meta, além da redução da pobreza econômica, promover a permanência da criança na escola e o acompanhamento sistemático na saúde.

O PBF se apresenta como um programa de transferência direta de renda com condicionalidades. Além de cumprir o critério de viver em condição de pobreza, a família contemplada pelo programa deve garantir a frequência escolar mínima de 85% para crianças entre 6 e 15 anos e de 75% para adolescentes entre 16 e 17 anos. Somada a essa condicionalidade, o PBF exige ainda que as famílias acompanhem o calendário vacinal e do crescimento e desenvolvimento das crianças menores de 7 anos e por fim, realize o pré-natal das gestantes e acompanhamento das nutrizes na faixa etária de 14 a 44 anos. Nesse sentido, em longo prazo, espera-se que estas famílias consigam romper com o ciclo de pobreza que se mantém por gerações.

A transferência de renda promove o alívio imediato da pobreza. As condicionalidades reforçam o acesso a direitos sociais básicos nas áreas de educação, saúde e assistência social. A gestão do Bolsa família é descentralizada e compartilhada por União, estados, Distrito Federal e municípios. Os três entes federados trabalham em conjunto para aperfeiçoar, ampliar e fiscalizar a execução do Programa. A lista de beneficiários é pública e pode ser acessada por qualquer cidadão.

Diante da abrangência do Programa e tendo em vista sua importância para as rotinas familiares frente às condicionalidades estabelecidas, o presente trabalho teve por objetivo principal descrever o orçamento de tempo de crianças atendidas pelo PBF em contextos empobrecidos economicamente e distintos em suas ecologias: a periferia urbana da capital do Pará e a região ribeirinha amazônica (PA). O foco foi compreender a distribuição das atividades diárias das crianças atendidas pelo programa em tais contextos, pois se acredita que o modo como estas crianças usam seu tempo pode oferecer elementos indicadores de seu desenvolvimento ao longo do tempo.

Entende-se que a caracterização dos contextos aliados à rotina das crianças permitiu verificar: 1) o uso que as crianças fazem de seu tempo, 2) a diferença de gênero no uso do tempo e 3) as diferenças do uso desse tempo em função das características das populações.

MÉTODO

PARTICIPANTES

Participaram deste estudo 60 crianças (Participantes-Alvo), sendo 30 pertencentes à população urbana (15 meninos e 15 meninas) e 30 pertencentes à Ilha do Combu, região ribeirinha amazônica (16 meninas e 14 meninos).

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

A escolha das famílias se deu pelos seguintes critérios: as crianças deveriam estar cursando entre a 1ª e a 4ª série do ensino fundamental; ser aluno (a) matriculado (a) regularmente nas escolas municipais escolhidas e ser beneficiário do Programa Bolsa Família (PBF).

AMBIENTE

Contexto urbano: periferia de Belém

A escolha pela unidade pedagógica, localizada no bairro do Condor, levou em consideração a facilidade de acesso, assim como a parceria firmada com as instâncias educativas referentes às coordenadorias locais e Secretaria Municipal de Ensino.

Esse contexto apresentou características dos bairros periféricos em que as casas e a própria escola são construções em alvenaria e/ou madeira, marcados pelo empobrecimento local e carente de alguns serviços eficientes, como exemplo, a segurança. No entanto, possuía infraestrutura básica em relação ao saneamento ambiental como coleta regular de lixo e água encanada. A escola selecionada foi uma escola municipal de ensino infantil e fundamental, pioneira no bairro (inaugurada em 1951) e sede da escola ribeirinha anexa. Possui 10 salas de aula, um laboratório de informática, quadra esportiva, local com mesas e cadeiras coberto onde as crianças aguardam seus pais e uma biblioteca. Funciona em três turnos: uma turma de educação infantil e as demais de ensino fundamental organizados em ciclos de formação – C1 (3 anos) e C2 (2 anos). A coordenadoria não dispunha de informações referentes ao número de crianças que recebiam o benefício do PBF.

Contexto ribeirinho amazônico

Realizou-se a pesquisa em uma comunidade localizada na Ilha do Combu, que dista aproximadamente 15 minutos da capital com acesso exclusivo por via fluvial, a ilha é considerada como área de proteção ambiental, localizada à margem esquer-

PROGRAMA BOLSA
FAMÍLIA: UMA ANÁLISE
DOS ASPECTOS
SOCIODEMOGRÁFICOS
E DAS ROTINAS DE
CRIANÇAS NOS
CONTEXTOS URBANO E
RIBEIRINHO AMAZÔNICO

da do rio Guamá, com extensão de 15 Km². A comunidade selecionada encontra-se às margens dos rios Piriquitaquara, Furo da Paciência e Furo de São Bendito, caracterizada pelo peculiar estuário amazônico com fauna e flora diversificadas, típicas da região.

As moradias são de madeira, cobertas com telhas de barro ou amianto, construídas em palafitas e distante, aproximadamente 30 metros umas das outras. A energia elétrica antes de julho de 2011 não existia. Não há tratamento de água, sendo que a água potável é obtida em uma torneira pública, em Belém, e transportada em baldes e embalagens plásticas até a comunidade. Em termos de infraestrutura, a comunidade não possui espaços planejados para o lazer, sendo assim, as crianças participam de todas as atividades presentes na comunidade, juntamente com seus pais e demais familiares.

A escola pertencente à comunidade está localizada no igarapé Piriquitaquara, caracterizada pelo estilo amazônico ribeirinho, construída em madeira sobre palafitas. Composta por duas salas de aula, pátio, copa, banheiros e sala de coordenação, além de uma área na parte externa, disponível para recreação quando o nível do rio encontra-se baixo. Possui salas multisseriadas, sendo no período matutino a educação infantil e o ciclo 1 e à tarde, o ciclo 2 que abrange crianças de 6 a 10 anos de idade. Durante as reuniões com a coordenação, os pesquisadores puderam conhecer a rotina da escola e adquirir uma lista com os nomes das crianças, obtendo ainda a informação de que todas recebiam o PBF.

PROCEDIMENTOS ADOTADOS NA COLETA DOS DADOS

Inserção da equipe na escola da periferia urbana

Após a autorização da coordenação escolar, a equipe acordou com a escola os horários de coleta, que ocorreram no intervalo entre os horários das aulas, nos turnos da manhã, intermediário e tarde. As abordagens aos responsáveis aconteceram no pátio da escola, no momento em que estes buscavam ou deixavam os filhos. O período de coleta correspondeu os meses entre abril e novembro de 2011.

Inserção da equipe no contexto ribeirinho amazônico

Primeiramente foram realizados contatos com a associação de moradores e a escola, através dos quais se obteve uma lista com os nomes das crianças participantes. A unidade pedagógica da ilha dispõe de serviço de condução fluvial das crianças e jovens que frequentam tanto a própria unidade quanto escolas de ensino fundamental e médio de Belém. Por meio de um ofício, foi autorizada a viagem da equipe de pesquisa junto aos dois barqueiros que percorrem as residências, levando e trazendo as crianças da escola. Nesta oportunidade, foi possível a confecção de um mapa dos igarapés e furos que compõem a ilha, onde foram identificadas as casas dos participantes da pesquisa. A coleta dos dados ocorreu durante as visitas, respeitando a disponibilidade dos moradores, no período entre outubro de 2010 à abril de 2011.

Considerações éticas

A fim de resguardar os direitos dos participantes foi utilizado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em que se esclarecia sobre a pesquisa fornecendo o contato dos membros da equipe, caso houvesse necessidade de maiores orientações. Submeteu-se a aprovação do TCLE (Desenvolvido pelo LED-Laboratório de Ecologia de Desenvolvimento) e da pesquisa pelo comitê de ética da Universidade Federal do Pará, aprovado sob o número do protocolo (CAEE – 0146.0.073.000-11).

SOBRE OS INSTRUMENTOS

Inventário Sociodemográfico (ISD)

Utilizou-se inventário elaborado pelo grupo de pesquisa LEDH (que o utiliza desde 2006), no entanto, mudanças e inclusões de novos itens foram realizadas tendo em vista o objetivo de investigar especificidades do Programa Bolsa Família. O instrumento apresenta os seguintes itens: identificação (nome, idade, gênero, parentesco, estado civil, cidade de origem, número de uniões e ano da atual união); dados sobre o benefício (titular do cartão, como conseguiu o cadastro, quanto tempo demorou para receber, a quanto tempo é beneficiário do programa, quem vai ao banco sacar o benefício, valor do benefício e como gastou esse valor no mês anterior); orçamento familiar (quantos e quais membros contribuem para o orçamento; responsável pelo controle do dinheiro e número de famílias que sobrevivem do orçamento); caracterização do domicílio (se a moradia é própria, tipo de construção, número de cômodos, equipamentos e móveis, energia elétrica, abastecimento e tratamento da água, destino do esgoto e do lixo familiar).

Inventário de Rotinas (IR)

O inventário de rotinas utilizado vem sendo aperfeiçoado pelo LEDH, sua aplicação tem permitido descrever o modo de vida das populações ribeirinhas (SILVA & cols., 2010). As entrevistas foram realizadas individualmente, solicitando ao entrevistado que descrevesse a sequência de atividades típicas desenvolvidas, a companhia e o local durante um dia da semana (segunda a sexta). O instrumento foi apresentado na forma de tabela com a disposição gráfica da divisão de um dia a partir das grandes categorias: tempo, atividade e companhia (anexo 2).

A categoria tempo abarcou a representação de todos os turnos: madrugada, manhã, tarde e noite, com seis horas cada um, sendo cada hora dividida em quatro quadrantes menores que representam 15 minutos da hora referida, totalizando 24 horas de registro. Os quadrantes eram preenchidos pelo aplicador seguindo a ordem: um, dois, três e quatro, no sentido horário.

As categorias relacionadas às atividades e companhias foram geradas *a priori*, tendo em vista a experiência acumulada pelo grupo com pesquisa sobre rotinas com população ribeirinha amazônica (SILVA e cols., 2010). A categoria Atividade se subdividiu em subcategorias indicadas a partir de siglas, representando as ati-

vidades realizadas pelas crianças tais como: DA-dormir; H-higiene pessoal; A-alimentação; D-deslocamento; E-escola, B-brincar; TV-televisão, R-rádio; TD-tarefa doméstica; DC-dever de casa; AP-atividades programadas; CO-conversar; L-leitura, FC-festa/comemoração; ER-evento religioso e outros. Para orientação dos aplicadores disponibilizou-se uma legenda localizada ao final da folha de aplicação. Além das subcategorias referentes às atividades, o instrumento contemplou ainda o registro das companhias, com siglas para pai ou mãe, pais, irmãos, toda a família, avós, parentes próximos, amigos e sozinho(a) (anexo 2).

PROCEDIMENTO DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

A aplicação dos dois instrumentos se deu por meio de entrevistas com os pais ou responsáveis, individualmente, solicitando-se ao entrevistado que descrevesse a sequência de atividades desenvolvidas, a companhia e o local onde eram realizadas tais ações durante um dia da semana (segunda a sexta). Solicitava-se, a fim de padronizar as respostas, que relatassem sobre o dia anterior caso fosse um dia da semana, do contrário, a sexta-feira.

Os entrevistadores participaram de um treinamento prévio e as entrevistas ocorriam sempre na presença de dois desses, sendo um mais experiente (estudante da pós-graduação) que conduzia a entrevista e o outro que realizava o preenchimento dos protocolos (estudante da graduação).

Os dados obtidos pelos instrumentos foram dispostos em planilhas no programa Excell, sendo os dados filtrados e transformados em planilhas dinâmicas de maneira que pudessem gerar dados por meio de estatística descritiva, utilizando a técnica de descrição tabular e paramétrica.

As análises partiram primeiramente das informações obtidas a partir do ISD, considerando os aspectos estruturais (organização das famílias e escolaridade) e aspectos financeiros (renda geral e benefício- PBF), subdivididos em contextos urbano e ribeirinho amazônico, a fim de comparação. Para este trabalho não foram utilizadas todas as informações contidas no inventário, selecionando-se as aquelas que segundo a equipe estariam diretamente relacionadas às análises sobre rotinas. As demais compõem um banco de dados para trabalhos futuros a serem realizados pelo grupo de pesquisa - LEDH.

Os dados de rotina foram agrupados conforme os contextos a partir das atividades executadas pelas crianças urbanas e ribeirinhas em um dia da semana. Organizaram-se os dados conforme a variável gênero (feminino e masculino) e companhia (sozinho, mãe, pai, avô/avó, irmãos, parentes próximos e amigos). Considerou-se no ambiente escolar os amigos como as principais companhias.

Os resultados se apresentam na forma de porcentagem para melhor compreensão, o cálculo das porcentagens correspondentes a cada categoria se deu pela soma dos minutos em que a criança permaneceu em uma determinada atividade, tendo por base a soma dos minutos de um dia, ou seja, 1440 minutos (24 horas). Ressalta-se o fato de que as porcentagens têm abrangência no limite desse estudo, sem significância estatística.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

ESTRUTURA FAMILIAR

Entrevistou-se 26 famílias no contexto urbano e 24 na comunidade do Combu. As famílias urbanas eram compostas por no mínimo 2 e no máximo 10 pessoas, quantidade não equivalente ao número de filhos, dada a presença na mesma residência de parentes como avós, tios, primos, sobrinha, cunhada e padrasto.

Em relação às estruturas familiares encontradas, no contexto urbano, 50% apresentavam estrutura nuclear, 38% eram monoparentais femininas e em 30% havia a presença de tios e avós, principalmente quando se tinha mais de um filho, 23% dos casos. Esses achados refletem o número cada vez maior de famílias monoparentais femininas, o que se apresenta como preocupante, já que os dados estatísticos oficiais do IBGE (2010) demonstram que são as mais pobres. A situação de pobreza aliado ao arranjo familiar monoparental feminino favorece a presença de fatores de risco ao desenvolvimento das crianças, uma vez que as mães acumulam atividades do trabalho e cuidados aos filhos, necessitando de suporte familiar e social (SANCHES, 2001; COLE & COLE, 2003; YUNES, GARCIA & ALBUQUERQUE, 2007).

Na comunidade ribeirinha, a quantidade de parentes em uma mesma residência variou entre 3 e 13 pessoas, sendo identificados além do núcleo familiar, parentes como avós, tios e primos. Nesse contexto, ressalta-se o fato de que 75% das famílias apresentavam a estrutura nuclear, sendo a maioria numerosa com três ou mais filhos (88%), o que se mostra de acordo com a estratégia de sobrevivência desenvolvida pelos moradores em manterem-se próximos em famílias nucleares e numerosas (SILVA, 2006).

ESCOLARIDADE DOS PAIS

No contexto urbano houve um número maior de pais nos ensino fundamental e médio, principalmente entre as mulheres. Registrou-se 04 pais e 06 mães com ensino fundamental incompleto e com o fundamental completo 03 pais e 03 mães. Dentre os que chegaram ao ensino médio, 04 pais e 08 mães e 03 pais e 09 mães não concluíram.

No contexto ribeirinho amazônico, os moradores tendem a abandonar a escola durante o ensino fundamental, já que na ilha, o ensino é oferecido até a 4ª série. Nesse sentido, 16 pais e 14 mães apresentaram ensino fundamental incompleto, 04 mães e 01 pai com fundamental completo, 05 mães e 01 pai com ensino médio incompleto e 01 pai analfabeto.

ASPECTOS FINANCEIROS

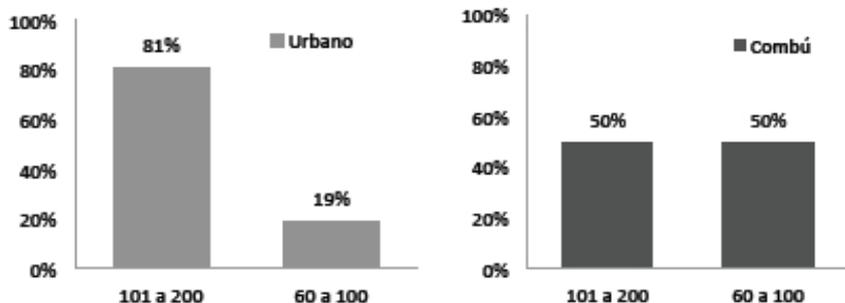
O número expressivo de pessoas compartilhando um mesmo domicílio pode influenciar na qualidade de vida destas, já que a renda reunida passa a ser dividida em um orçamento comum a todos, satisfazendo ou não as necessidades de cada membro. Em ambos os contextos, as famílias viviam em situação de forte empobrecimento e relataram ganhos inferiores ao salário mínimo (R\$ 545,00). Os valo-

res declarados pelos participantes incluíram o próprio benefício, aposentadorias e os ganhos formais e informais.

No contexto urbano, 46% das famílias investigadas relataram ganhos que apontaram renda *per capita* de até $\frac{1}{4}$ do salário mínimo; 24% relataram viver com renda de até $\frac{1}{2}$ salário mínimo; 15% em torno de um salário e 15% não responderam. No contexto ribeirinho amazônico 71% das famílias sobreviviam com renda de até $\frac{1}{4}$ do salário mínimo; 21% com renda de até $\frac{1}{2}$ salário mínimo e 8% não responderam.

No que diz respeito ao benefício do PBF, as famílias relataram receber entre R\$ 60,00 e R\$ 200,00. O gráfico 1 demonstra a porcentagem de famílias que recebiam valores correspondentes aos seguintes intervalos: entre R\$ 60,00 a 100,00 e entre R\$101,00 a 200,00.

Gráfico 1 - Intervalos de valor do benefício em reais nos contextos urbano e ribeirinho (%)



FONTE: ELABORAÇÃO LEDH.

O valor em reais referente ao PBF recebido pelas famílias urbanas foi superior a R\$ 101,00 em 81% dos casos. Para 19% dos beneficiários, o valor pago pelo governo variou entre R\$ 60,00 e R\$100,00. Para os ribeirinhos, os intervalos adotados beneficiavam 50% das famílias respectivamente.

No contexto urbano, 50% das famílias que tinham dois filhos recebiam valores referentes ao intervalo de R\$ 101,00 a 200,00. Nesse mesmo intervalo de valores, foram encontradas 23% de famílias com três filhos e 8% das famílias com um filho. Em relação ao intervalo com menores valores pagos (R\$ 60,00 a R\$100,00) surgiram 15% das famílias com um filho, no entanto, em 4% dos casos foram encontradas famílias que apresentavam três filhos. O que demonstra o não cadastramento de todos os filhos.

O mesmo ocorreu no contexto ribeirinho em que 4% das famílias com dois filhos e 8% das famílias com três filhos recebiam os valores menores. As demais famílias ribeirinhas apresentaram recebimentos com valores menores para famílias com um filho e maiores com famílias com dois ou mais filhos. No entanto, não apenas o número de filhos determina a quantia recebida, dependendo também da renda familiar *per capita*, o número e a idade dos filhos.

Sabe-se que o controle da renda perpassa pela estrutura familiar, e nesse sentido, no contexto urbano, a mãe surgiu como a principal figura no controle dos gastos, já que em 38% dos casos (famílias monoparentais femininas) ela era a única ou a principal responsável pelos filhos. Diante desse cenário, surgem como apoios importantes, avós e tios que passam a dividir os cuidados com as crianças, o convívio e até mesmo o domicílio. Fato que em parte explica o índice de 35% de parentes assumindo o controle da renda familiar. Em relação às famílias ribeirinhas, observa-se o controle compartilhado da renda entre os pais, aspecto que condiz com a estrutura nuclear apresentada em 75% das famílias.

Aliado aos dados de quantia e controle dos gastos houve a necessidade de se reconhecer o local em que as famílias receberam informações sobre o cadastro do benefício PBF. Em 69% dos casos relacionados ao contexto urbano, as famílias relataram que adquiriram o cadastro através dos Centros de Referência de Assistência Social CRAS, 11% por meio dos postos de saúde, em 8% dos casos a própria escola informou; 4% a prefeitura e 8% outros locais. No contexto ribeirinho o CRAS não surgiu como o principal meio de se conseguir informação sobre o cadastro, sendo citado em apenas 4% dos casos. Chama a atenção o número de entrevistados que não deram respostas (29%), somado a outros locais (17%). Os locais que somados atingem 50% dos casos foram a escola e o posto de saúde.

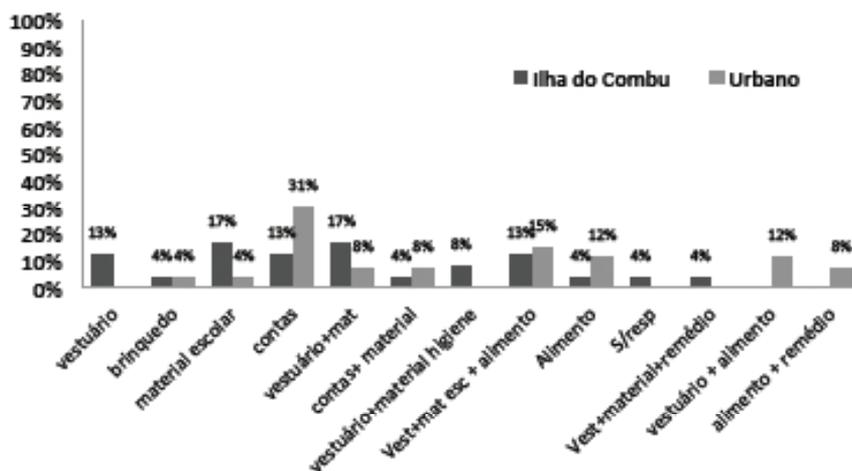
Não apenas o local em que as famílias foram informadas sobre o cadastramento, mas o tempo de espera até o recebimento apresenta-se como importante informação para compreensão da dinâmica do programa. No contexto urbano, pouco menos da metade das famílias entrevistadas (46%) esperaram até dois anos. De dois a quatro anos foram encontradas 27% das famílias, no entanto, no intervalo de 4 a 8 anos de espera foram encontradas 19% das famílias.

No contexto ribeirinho, a porcentagem de famílias que esperaram até 2 anos cai para 29%, de 2 a 4 anos obteve-se 21% e de 4 a 8 anos 37%. Evidencia-se desse modo, a dificuldade no recebimento do benefício por tais famílias e sendo assim, os resultados apontam para a necessidade de maior agilidade ao repasse dos benefícios para as famílias cadastradas.

Por fim, foi perguntado às famílias como foi gasto o valor referente ao benefício no mês anterior à coleta, conforme gráfico 2. As respostas dadas indicam necessidades diferenciadas entre os contextos; para as famílias da periferia urbana, o principal destino do benefício foi o auxílio no pagamento das contas domésticas como luz, aluguel, compras no mercado dentre outras, somada à categoria alimento que foi significativamente citada. Na Ilha do Combu, no período em que foi realizada esta pesquisa, não havia energia elétrica disponível, e em comparação com o contexto urbano, os moradores da Ilha também não pagavam aluguel, IPTU, gás e serviço de água encanada. Utilizavam os recursos da floresta como água, madeira, peixes, camarões e frutos. Nesse sentido, as categorias mais citadas foram aquelas relacionadas principalmente com vestuário e material escolar.

A categoria vestuário, material escolar e alimento (vest+mat esc+alimento) se mostrou expressiva em ambos os contextos, com uma margem maior na porcentagem do contexto urbano, conforme gráfico 2.

Gráfico 2 - Como foi gasto o benefício no último mês nos dois contextos



FONTE: ELABORAÇÃO LEDH.

Os dados apresentados até então, auxiliam na descrição das famílias participantes, tendo em vista aspectos demográficos, escolares, habitacionais, sociais e aqueles relacionados ao recebimento do benefício. A seguir serão apresentados os dados coletados a partir do Inventário de Rotina em que se evidenciou a dinâmica das famílias participantes.

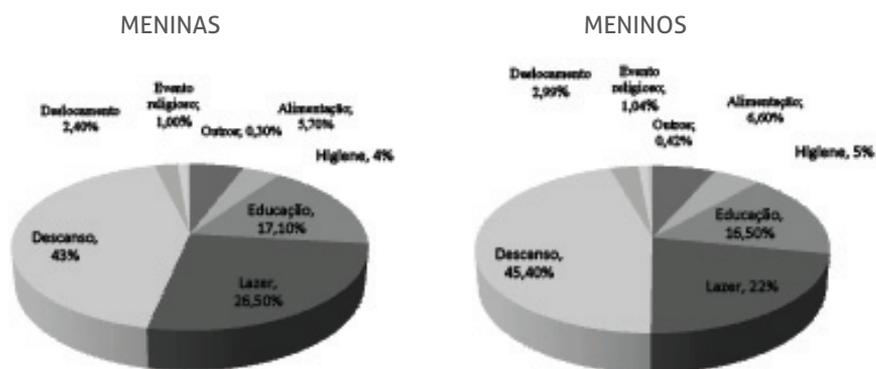
DADOS DE ROTINA

ATIVIDADES REALIZADAS PELAS CRIANÇAS DURANTE A SEMANA NO CONTEXTO URBANO

As meninas, moradoras da periferia urbana de Belém apresentaram 43% de seu tempo ligado ao descanso, seguida por lazer (26,5%). Educação surgiu com 17,1%; alimentação com 5,7%; higiene 4%, deslocamento 2,4% e evento religioso 1%.

Entre os meninos, as categorias com maiores porcentagens, foram descanso (45,4%) seguida por lazer (22%). Educação surgiu com 16,5%; alimentação com 6,6%; higiene 5%, deslocamento 2,99% e evento religioso 1,04%. A realização de tarefas domésticas não apareceu neste contexto (Gráfico 3).

Gráfico 3. Categorias de atividade realizadas por meninas e meninos no contexto urbano em um dia da semana (%)



Fonte: ELABORAÇÃO LED.

Pode-se concluir que as meninas passaram quase 70% do tempo em descanso e envolvidas com brincadeiras. Já os meninos passaram maior tempo em descanso, no entanto, o tempo para lazer foi menor e apresentaram pequeno decréscimo em atividades relacionadas à educação.

A categoria educação foi subdividida em categorias menores, a saber: o tempo em que a criança permanece na escola; o tempo que gasta com dever de casa e leitura. Sendo assim, as meninas passaram 91,87% do tempo gasto com educação em atividades realizadas na escola, 6,5% em tarefas ligadas ao dever de casa e 1,63% do tempo em atividade de leitura. Os meninos, habitantes da periferia urbana, gastaram 90,3% do tempo ligado à educação em atividades realizadas na escola e 9,7% com tarefas associadas ao dever de casa. Não foi citada atividade de leitura.

Outra categoria relevante para esta análise refere-se ao tempo dedicado ao lazer, que, para este trabalho, envolvia as seguintes atividades: brincadeiras diversas e jogos infantis, assistir TV e/ou DVD, conversar, jogar vídeo game ou usar o computador.

O tempo dedicado ao lazer representou mais de 20% para ambos os sexos, as crianças passaram a maior parte do tempo com brincadeiras em geral, sendo que as meninas brincavam durante 52,35% e os meninos, 49,21% do tempo; o tempo destinado a assistir televisão, no contexto urbano, também foi relevante para ambos os sexos 39,79% e 36,59% para meninas e meninos, respectivamente.

Em associação ao orçamento do tempo gasto com educação pelas crianças beneficiadas, foi perguntado ainda se estas realizavam alguma atividade programada durante a semana. Ao avaliar tais atividades, citada pelos responsáveis, observou-se que no contexto urbano, a necessidade dos pais em auxiliar seus filhos nos estudos, gerou a opção pelo reforço escolar. Neste contexto, o exercício de algumas programações extracurriculares foi registrado em seis famílias: uma menina realizava aulas de balé e outra, aulas de reforço em casa; dois meninos praticavam futebol e natação, sendo que um desses frequentava aulas de violino, flauta e aulas de reforço; os outros dois realizavam aula de reforço, sendo que um também realizava aulas de música.

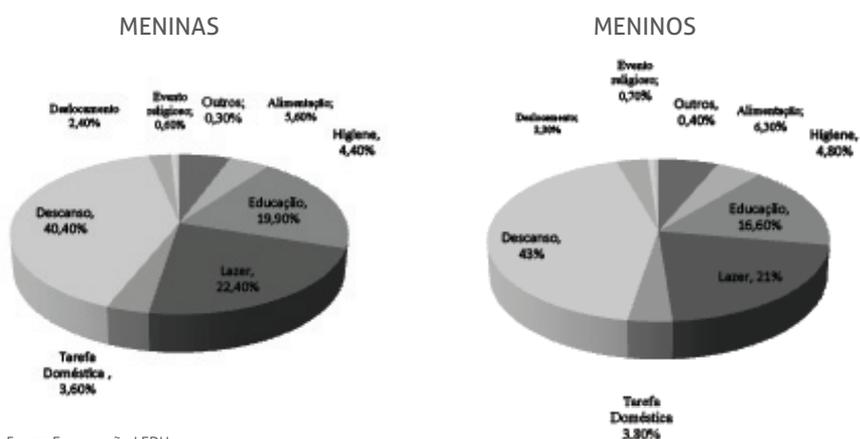
A categoria atividade programada mostrou-se significativa, principalmente entre os meninos; o tempo destinado ao uso do computador e DVD foi similar para meninos e meninas. Os comportamentos de conversar e participar de algum evento festivo não apareceram neste contexto.

ATIVIDADES REALIZADAS PELAS CRIANÇAS DURANTE A SEMANA NO CONTEXTO RIBEIRINHO

De maneira geral as crianças no contexto ribeirinho amazônico passam a maior parte de seu tempo, quando não estão dormindo ou descansando, em atividades ligadas ao lazer e em atividades na escola. O gráfico 3 apresenta a porcentagem equivalente aos minutos correspondentes às categorias: descanso, lazer, alimentação, higiene, tarefa doméstica, deslocamento, evento religioso e outros.

As meninas descansam 40,40% do tempo, seguida por lazer com 22%, educação surgiu com 19,9%, alimentação 5,6%, higiene 4,4%, tarefa doméstica 3,6%, deslocamento 2,4%, evento religioso 0,6% e outros 0,3%. Os meninos, entretanto, passaram 43% e 21% de seu tempo nas categorias descanso e lazer, respectivamente. Em relação à categoria educação, os meninos gastaram 16,6% do tempo. Na categoria tarefa doméstica, o percentual encontrado foi de 3,8%, os demais índices apresentados foram: 6,3% em alimentação, 4,8% com higiene, 3,3% em deslocamento, 0,7% em eventos religiosos e 0,4% com outras atividades (Gráfico 4).

Gráfico 4. Categorias de atividade realizadas por meninas e meninos no contexto ribeirinho em um dia da semana (%)



Os meninos descansam mais e passam menos tempo em atividades ligadas à categoria lazer e em atividades ligadas à categoria educação em comparação com as meninas, conforme gráfico 3.

A análise das subcategorias estabelecidas para a educação ressalta os seguintes dados: no contexto ribeirinho amazônico as meninas gastaram 85,94% do tempo com educação em atividades na escola, 13,4% com dever de casa e 0,66% leitura. Os meninos gastaram 97,3% do tempo ligado à educação com atividades realizadas na escola e 2,7% com dever de casa. A atividade leitura não foi citada.

Em relação ao tempo dedicado ao lazer, as brincadeiras diversas fizeram parte de 73,49% do tempo dos meninos e de 61,91% do tempo das meninas ribeirinhas. O tempo dedicado a TV apareceu como o segundo tipo de lazer mais comum neste contexto, sendo 33,72% do tempo das meninas e 25,44% do tempo dos meninos. O comportamento de conversar apareceu principalmente no repertório das meninas ribeirinhas (4,36%), em detrimento aos meninos que dedicaram 1,06% do seu tempo para tal atividade.

Companhia durante as atividades no contexto urbano

As meninas do contexto urbano passavam 38,54% de seu tempo sozinhas, 16,04% com amigos, 12,78% com a mãe, 11,32% com irmãos, 7,22% mãe e irmãos, 6,81% parentes próximos e 4,10% com a família. Já os meninos passavam 34,4% de seu tempo sozinhos e suas principais companhias foram: irmã(s)(ãos) (22,4%), amigos (16,7%), mãe (9,9%), mãe e irmãos(ãs) 7%, parentes próximos 4,1%, família (3,7%) e 1,2% pai e mãe.

As meninas passavam mais tempo sozinhas, em comparação com os meninos; amigos foi a segunda categoria mais citada que esteve relacionada ao tempo gasto no ambiente escolar. Fora da escola, a mãe se mostrou a principal companhia seguido por irmãos(ãs).

A principal companhia dos meninos foram os (as) irmãos (ãs), seguido por amigos, e em terceiro, a mãe. Nesse sentido, o orçamento de tempo dos meninos quando comparado ao das meninas evidencia maior disposição de compartilhamento das atividades com outras crianças e jovens.

Outro aspecto relevante destaca o pouco tempo compartilhado com o pai, bem abaixo da categoria parentes próximos tanto para meninas, como meninos. Esse dado mostra-se consonante a pesquisas que destacam que em poucas sociedades os homens cuidam de suas crianças no dia-a-dia, e assim, continuam sendo considerados, na sua maioria, pelos papéis que exercem fora do âmbito das interações familiares (LEWIS & DESSEN,1999).

Companhia durante as atividades no contexto ribeirinho

No contexto ribeirinho, as meninas permaneceram sós em 49% de seu tempo, 16,7% com irmãos, amigos vêm em terceiro com 15,5% do tempo, parentes próximos 9,2%, 3,1% com o pai e a mãe e 2,2% a família. Os meninos passavam 38,9% de seu tempo a sós, 19,87% com irmãos (ãs), 17,04% com amigos, 11,46% parentes próximos, 7,59% mãe e 2,31% pai e mãe. Observou-se desse modo, que meninos e meninas ribeirinhas passavam a maior parte de seu tempo em companhia de outras crianças, principalmente irmãos. Esse dado condiz com trabalhos realizados em populações tradicionais ribeirinhas (BAIA-SILVA, 2006) que aponta a importância das relações estabelecidas entre os irmãos para o aprendizado e desenvolvimento das crianças. Segundo Silva e cols. (2010) os filhos constituem um subsistema separado, que realiza atividades particulares e passa grande parte do tempo em conjunto, o que é uma característica da socialização local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As condicionalidades impostas pelo PBF visam em primeira instância amenizar a extrema pobreza em que se desenvolvem as famílias, e buscam romper o ciclo de pobreza e adoecimento das crianças a partir de medidas que impõem frequência mínima na escola e acompanhamento do calendário vacinal. Como política pública, acarreta em mudanças sistêmicas nas vidas dessas famílias, principalmente nas rotinas das crianças que passaram a frequentar assiduamente a escola. Porém, ainda apresenta desafios, principalmente em relação a contextos ecológicos distintos, como no caso do contexto ribeirinho amazônico, onde apesar das famílias receberem o benefício, essas ainda encontram-se distantes dos serviços médicos e educacionais presentes nos centros urbanos.

Quanto às rotinas diárias das crianças beneficiárias, a pesquisa evidenciou elementos importantes para compreensão das estruturas e dinâmicas apresentadas. Primeiramente, os arranjos familiares que conduziram a diferentes organizações das rotinas das famílias: em ambos os contextos as famílias se mostraram numerosas, com parentes morando junto ao núcleo pais/filhos e no caso ribeirinho, destacou-se a presença de muitos irmãos. Tais arranjos mostraram-se ligados aos contextos dos quais participavam, ressaltando as estratégias adotadas pelas famílias na sobrevivência e no cuidado das crianças, em que se destacou o auxílio de avós, tios e irmãos mais velhos.

Outros elementos relevantes à compreensão das rotinas das crianças dizem respeito ainda aos arranjos familiares (famílias nucleares, monoparentais masculina e feminina) e a escolaridade dos pais. No contexto urbano foram observadas famílias nucleares e um número significativo de famílias monoparentais femininas, número que corrobora com o IBGE (2010) que ressalta o crescente número de mães assumindo sem a presença dos pais, os cuidados dos filhos, situação que requer suporte social e amparo de políticas públicas, como o Bolsa Família. Em relação à escolaridade, esta variou do ensino fundamental incompleto ao ensino médio completo, com maioria no ensino fundamental completo.

No caso das famílias ribeirinhas amazônicas houve prevalência de famílias nucleares com muitos filhos. Isto se explica pelo fato de viverem em isolamento provocado pela água, e sendo assim, tais famílias tendem a se manterem unidas, aspecto que garante a vivência em meio à floresta. No entanto, esse isolamento dificulta o acesso à educação e desse modo, a maioria dos pais entrevistados relataram baixa escolaridade, sendo encontrado caso de analfabetismo e a maioria parou os estudos no ensino fundamental.

A partir do panorama social apresentado, as rotinas infantis refletiram tanto as diferenças contextuais quanto semelhanças, já que ambos se apresentam como contextos empobrecidos. Em relação às categorias descanso e lazer, as crianças urbanas apresentaram maior tempo gasto, com destaque à atividade assistir TV. Em comparação às crianças ribeirinhas, houve uma significativa redução nas categorias descanso e lazer (que também foram as mais significativas) e surgiu a categoria tarefa doméstica que não fora citada no contexto urbano e mostrou-se ligada às rotinas das famílias na aquisição e preparo dos alimentos como a pesca,

limpar o peixe, coleta e preparo do açai, lavar roupas no rio, caçar, limpar a casa, alimentar os irmãos mais novos, entre outras.

Em relação à categoria educação, pôde-se observar que o acompanhamento da atividade escolar no domicílio pelos responsáveis ainda é um tempo praticamente inexistente na rotina diária em ambos os contextos. Isso reflete diretamente as possibilidades dos pais e/ou responsáveis acompanharem a realização das tarefas escolares e aponta inclusive para questão da baixa escolaridade. Muitas famílias ainda encontram-se despreparadas para esse acompanhamento, já que grande parte dos pais desconhecem os conteúdos apresentados nas escolas e não dispõem de tempo suficiente para o acompanhamento escolar dos filhos.

Tais tendências ganham maior agravo em comunidades vivendo afastadas, pouco visíveis ao poder público, com famílias numerosas em que as crianças cuidam de seus irmãos e não apresentam estrutura doméstica que favoreça a aprendizagem escolar. Além dessas dificuldades, a análise das rotinas das crianças ribeirinhas demonstrou a pouca oferta de atividades programadas nesse contexto relacionadas à música, artes e esporte, além do reforço escolar que fora citado no contexto urbano apenas.

As rotinas apresentadas, da maneira que estão estruturadas, oferecem pouco ao aprendizado escolar, situação que requer sintonia entre a família e a escola. No entanto, ao compartilharem pouco tempo e atividades com seus filhos, os pais deixam de promover laços importantes inclusive às adaptações no ambiente escolar que passa a ser visto com pouca motivação e distante daquilo que é realizado fora da escola.

Evidencia-se desse modo a importância de ações que favoreçam a interlocução entre os membros familiares, tendo um olhar diferenciado às comunidades ribeirinhas amazônicas a partir de ações que reforcem, valorizem e adéquem serviços segundo as características contextuais, apresentando desse modo ferramentas para o rompimento do ciclo de pobreza. Diante dessa percepção social, e (ainda) com pesquisas preliminares, principalmente no contexto amazônico, ressalta-se a limitação desse trabalho que, apesar de ter sido executado no período de um ano, ainda necessita de continuidade, já que pouco se sabe sobre as rotinas das crianças que recebem Bolsa Família.

Falta muito a ser feito para que se possam obter dados concretos e amplos sobre as atividades diárias em contextos distintos, o que não reduz a necessidade em estudá-los para que se possa garantir a efetividade dos direitos das crianças amazônicas. Ressalta-se inclusive que a pesquisa foi feita em uma pequena comunidade ribeirinha, existindo uma grande população disposta em dezenas de ilhas, vivendo às margens dos rios cuja rotina diária ainda é desconhecida e que, portanto, precisa ser investigada.

As primeiras garantias para as mudanças desejáveis à garantia dos direitos à alimentação, saúde e educação já foram dadas a partir do PBF. No entanto, apesar das crianças beneficiadas apresentarem rotinas que contemple a frequência escolar,

ainda não é o bastante. As famílias precisam ser orientadas e apoiadas para que possam estruturar seus ambientes domésticos às atividades escolares para que, desse modo, possam redirecionar as tendências desenvolvimentais apresentadas. Para tanto, um passo possível aponta no sentido do reconhecimento da rotina das crianças e especificidades contextuais, pensando em futuras adaptações entre família-escola e inclusão escolar efetiva no processo educacional, caminho pelo qual se pode reduzir o avanço dos ciclos de pobreza e miséria social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAIA-SILVA, S. D. (2006) **Relações entre irmãos e diferenças de gênero em uma comunidade ribeirinha da região amazônica**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil. [HTTP://www3.ufpa.br/led/](http://www3.ufpa.br/led/) [Acesso em abril de 2009].

BRASIL. **Ministério da Integração Nacional** (2002). Acesso em agosto, 2009, de www.integracao.gov.br.pdf.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à fome. **Programa Bolsa Família**. Acesso em abril de 2011, www.mds.gov.br/bolsafamilia.

BRONFENBRENNER, U. & CECI, S. J. (1994). Nature-nurture reconceptualized in developmental perspective: A bioecological model. *Psychological Review*, 101, 568-586.

BRONFENBRENNER, U. (1996) **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. (M. A. Veronese, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas.

BRONFENBRENNER, U., & MORRIS, P. A. (1998). The ecology of developmental processes. In W. Damon (Series Ed.) & R. M. Lerner (Vol. Ed.), **Handbook of child psychology: Vol. 1. Theoretical models of human development** (pp. 993-1027). New York: John Wiley & Sons.

BRONFENBRENNER, U. & EVANS, G. (2000). Developmental science in the 21st century: Emerging questions, theoretical models, research designs and empirical findings. **Social Development**, 9, 115-125.

BRONFENBRENNER, U. (2011). **A teoria bioecológica do desenvolvimento humano: Tornando seres humanos mais humanos**. Porto Alegre: ArtMed (Original publicado em 2005).

BUTTO, A. (1998) Gênero, família e trabalho. In: **Mulher e política**. São Paulo: Editoria Fundação Perseu Abramo.

CARLOTTO, C.M. (2005) A chefia familiar feminina nas famílias monoparentais em situação de extrema pobreza. **Revista Virtual Textos & Contextos**, n.4.

CARVALHO, M. E. P. (2004) Escola como extensão da família ou família como extensão da escola? O dever de casa e as relações família-escola. **Revista Brasileira de Educação**, n.25, pp. 94-104 [citado 2011-11-23].

CARVALHO, M. J. S. E J. B. MACHADO (2006) Análise dos usos do tempo entre crianças acerca das relações de gênero e de classe social. **Currículo sem Fronteiras**, v.6. n. 1.

CECCONELO A. M. & KOLLER S. H. (2003) Inserção Ecológica na Comunidade: Uma Proposta Metodológica para o Estudo de Famílias em Situação de Risco. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 16(3), pp. 515-524. [Acesso em maio de 2009]

COLE, M. & COLE, S. (2003) **O desenvolvimento da criança e do adolescente**. (4.ed.) (M.F. Lopes, Trad.), Porto Alegre: Artmed.

CRUZ, V. DO C. (2008) O rio como espaço de referência identitária: reflexões sobre a identidade ribeirinha na Amazônia in: Trindade Júnior, S. C. e Tavares, M.G. da C. (Orgs.) **Cidades Ribeirinhas na Amazônia – mudanças e permanências**. Belém: EDUFPA.

PROGRAMA BOLSA
FAMÍLIA: UMA ANÁLISE
DOS ASPECTOS
SOCIODEMOGRÁFICOS
E DAS ROTINAS DE
CRIANÇAS NOS
CONTEXTOS URBANO E
RIBEIRINHO AMAZÔNICO

DERGAN, J. M. B. (2006) **História, memória e natureza: as comunidades da ilha do Combu-Belém-Pa**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil. [Acesso em junho de 2010]

DIVERSI, M., MORAES FILHO, N., & MORELLI, M. (1999). Daily reality on the streets of Campinas, Brazil. In M. Raffaelli & R. Larson (Eds.) **Homeless and working youth around the world: Exploring developmental issues** (pp. 19-34). San Francisco: Jossey-Bass.

HUSTON, A. C.; WRIGHT, J. C.; MARQUIS, J. & GREEN, S. B. (1999) How young children spend their time: television and other activities. **Developmental Psychology**, v. 35, n. 4, pp. 912-925.

IBGE (2010) **Síntese dos indicadores sociais – uma análise das condições de vida da população brasileira**. Estudo e pesquisa. Informação demográfica e socioeconômica. N.27. Rio de Janeiro.

LARSON, R.W. & VERMA, S. (1999) How children and adolescents spend time across the world: Work, play, and developmental opportunities. **Psychological Bulletin**, n. 125, pp.701-736.

LAVINAS, L. (1996) As mulheres no universo da pobreza: o caso brasileiro. **Estudos Feministas**, v.4, n.2, pp.464-479.

LEWIS, C. & DESSEN, M. A. (1999) O pai no contexto familiar. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 15(1), 9-16. [Acesso em março 2012]

NETO, C. A. F. (1995) **Motricidade e jogo na infância**. Rio de Janeiro: Sprint.

NETO, C. A. F. (1997) Tempo e espaço de jogo para a criança: rotinas e mudanças sociais. In: Neto, C.A.F. (org.) **Jogo e desenvolvimento da criança**. Lisboa: FMH, pp.10-22.

REIS, D. C. (2007) **A cultura da brincadeira em uma comunidade ribeirinha na Ilha do Marajó**. Dissertação não publicada (Mestrado em Psicologia)-Universidade Federal do Pará. Belém/Pa.

RODRIGUES, E. T. (2006) **Organização comunitária e desenvolvimento territorial: o contexto ribeirinho em uma ilha da Amazônia**. Dissertação de Mestrado Núcleo de Altos Estudos Amazônicos – Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil.

ROGOFF, B. (2005) **A natureza cultural do desenvolvimento humano**. (R. C. Costa, Trad.). Porto Alegre: Artmed.

SANCHES, S. (2001) As condições sociais básicas das famílias chefiadas por mulheres. In: **Mulher e trabalho**. Publicação Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Porto Alegre.

Secretaria municipal de coordenação geral do planejamento e gestão (1999). **Anuário Estatístico do município de Belém**.

SILVA, S.S.C.; PONTES, F.A.R. & LIMA, L.C. (2010) Rede Social e Papéis de Gênero de Casais Ribeirinhos de uma Comunidade Amazônica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol. 26 n. 4, pp. 605-612. [Acesso agosto de 2011]

SILVA, S.S.C.; PONTES, F.A.R.; SANTOS, T. M.; MALUSCHKE, J. B.; MENDES, L.S.A.; REIS, D. C. & BAIA DA SILVA, S. D.(2010) Rotinas Familiares de Ribeirinhos Amazônicos: Uma Possibilidade de Investigação. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol. 26 n. 2, pp. 341-350. [Acesso em julho de 2011]

SIMIONATO-TOZO, S.M.P & BIASOLI-ALVES, Z.M.M (1998). O cotidiano e as relações familiares em duas gerações. **Paidéia**, pp. 137-150.[Acesso em novembro 2011]

TEIXEIRA, S. R. S. & ALVES, J. M. (2008). O Contexto das Brincadeiras das Crianças Ribeirinhas da Ilha do Combú. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, vol.21, n.3, pp. 374-382. [Acesso em maio de 2009]

TELES, E. & MATHIS, A.(2008) **Dinâmicas Sócio-Espaciais: Estratégias de sobrevivência em comunidades Ribeirinhas no Estuário Amazônico**. V Encontro Nacional da Anppas Brasília - DF – Brasil. Acesso em setembro de 2009 em http://www.anppas.org.br/encontro4/cd/ARQUIVOS/GT7-310-867_20080510222553.pdf

Telles, V.S. (1992). A experiência da insegurança: trabalho e família nas classes trabalhadoras urbanas em São Paulo. **Tempo Social**, 4(1-2), 53-93.

VOLPATO, G. (1999) **O jogo, a brincadeira e o brinquedo no contexto sócio-cultural criciumense**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Yunes, M. A. M., Garcia, N. M. & Albuquerque, B. de M. (2007). Monoparentalidade, Pobreza e Resiliência: Entre as Crenças dos Profissionais e as Possibilidades da Convivência Familiar. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 20(3), pp. 444-453.

PROGRAMA BOLSA
FAMÍLIA: UMA ANÁLISE
DOS ASPECTOS
SOCIODEMOGRÁFICOS
E DAS ROTINAS DE
CRIANÇAS NOS
CONTEXTOS URBANO E
RIBEIRINHO AMAZÔNICO

Quantas famílias moram na residência? _____

Cidade de origem: _____

Em que ano se casou na atual união: _____

Número de uniões: _____

Como você imagina que será a vida dos seus filhos daqui a dez anos? _____

Por que você quer que seus filhos frequentem a escola? _____

III – CARACTERÍSTICAS DO DOMICÍLIO

1. MORADIA: Própria () Alugada () Cedida () OUTRA _____

2. TIPO DE CONSTRUÇÃO: Alvenaria () Madeira () Taipa/Barro () Mista () Material reaproveitado () Outros _____

4. Nº DE CÔMODOS: _____ 5. Quais: _____

6. EQUIPAMENTOS E MÓVEIS:

Geladeira () Fogão () Televisão () Rádio () Cama ()

Outros: _____

7. ENERGIA ELÉTRICA: Relógio de controle próprio () Gerador particular () Improvisada (gato) () Sem energia () Relógio Comunitário () Lamparina ()

8. ABASTECIMENTO DE ÁGUA: Rede Pública (encanada) () Poço () Torneira Coletiva () Barco de distribuição ()

9. Recebe algum tipo de tratamento? S() N()

10. Qual? _____

11. DESTINO DO LIXO DOMICILIAR: Coleta () Via Pública/ Corrente de água Natural () Queimado () Enterrado () Outro _____

12. DESTINO DO ESGOTO DOMICILIAR: Rede Pública () Céu aberto () Fossa () Outro _____

13. Quais são as doenças mais frequentes na família? _____

PROGRAMA BOLSA
FAMÍLIA: UMA ANÁLISE
DOS ASPECTOS
SOCIODEMOGRÁFICOS
E DAS ROTINAS DE
CRIANÇAS NOS
CONTEXTOS URBANO E
RIBEIRINHO AMAZÔNICO

14. Quais são os remédios utilizados? _____

IV – CARACTERÍSTICAS ECONÔMICAS

1. Renda Familiar Mensal: _____

2. Quais os membros que contribuem para o orçamento familiar: _____

3. Quem controla o dinheiro da família: _____

4. Beneficiária de algum programa de transferência de renda? S() N()

5. Qual(s)? _____

6. Há quanto tempo? _____

7. Quem é o titular do cartão? _____

8. Quem vai ao banco receber o benefício? _____

9. Qual o valor do benefício? _____

9. Referente a quantas crianças? _____

10. Como você gastou o benefício no mês passado? _____

11. Como você conseguiu o cadastro? _____

12. Quanto tempo demorou para você receber o benefício? (tempo entre o cadastro e o recebimento) _____

13. Atualmente você recebe (recebeu) a visita de técnicos ou profissionais de saúde/ educação? _____

Observações:

Anexo 2. Protocolo de aplicação Inventário de Rotinas

HORA	ATIVIDADE															
	DA	H	A	D	DC	B	TV	R	TD	AP	CO	L	FC	ER	OUTRO	
MADRUGADA																
00h-01h																
01h-02h																
02h-03h																
03h-04h																
04h-05h																
05h-06h																
MANHÃ																
06h-07h																
07h-08h																
08h-09h																
09h-10h																
10h-11h																
11h-12h																
TARDE																
12h-13h																
13h-14h																
14h-15h																
15h-16h																
16h-17h																
17h-18h																
NOITE																
18h-19h																
19h-20h																
20h-21h																
21h-22h																
22h-23h																

PROGRAMA BOLSA
FAMÍLIA: UMA ANÁLISE
DOS ASPECTOS
SOCIODEMOGRÁFICOS
E DAS ROTINAS DE
CRIANÇAS NOS
CONTEXTOS URBANO E
RIBEIRINHO AMAZÔNICO

LEGENDAS

DA	dormir, descansar ou acordar	R	rádio/DVD
B	brincar	L	Leitura
AP	atividades programadas	P	pai
S	sozinho	D	Deslocamento
PP	parentes próximos	TD	tarefas domésticas
H	higiene pessoal	FC	festa/comemoração
TV	televisão	AV	avó/avô
CO	Conversar	E	Escola
M	mãe	DC	dever de casa
AM	amigos	ER	evento religioso
A	Alimentação	I	irmãos

Atividades que a criança realiza normalmente, mas que não foram citadas:

ANEXO 3. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Projeto de Pesquisa: Dinâmica de famílias ribeirinhas e urbanas: o uso do tempo de crianças atendidas pelo Programa Bolsa Família (PBF)

A presente pesquisa pretende analisar as dimensões econômicas e sociais do Programa Bolsa Família (PBF) sobre o uso do tempo de crianças atendidas pelo referido programa. As informações recolhidas serão utilizadas apenas para os objetivos do estudo proposto, salvo em caso de participação em eventos acadêmicos.

Afirmo que é praticamente nula a existência de riscos para os sujeitos envolvidos, seja de situação constrangedora ou de alteração do ambiente e do comportamento destes. Os benefícios desta pesquisa para o participante serão resultantes da análise que apontará sugestões para a problemática envolvida, no sentido de que possam efetivamente melhorar a qualidade do Programa Bolsa Família.

Informo que apesar da possibilidade de risco nesta pesquisa ser quase inexistente, caso haja danos provocados comprovadamente pela pesquisa, os participantes serão amparados e/ ou reparados pela pesquisa.

Ressalto que os sujeitos envolvidos nesta investigação são livres para participar e/ ou para retirar-se da pesquisa a qualquer momento, solicito apenas que seja avisada sua desistência.

Pesquisadora responsável: Tatiana Afonso

Endereço: Travessa Mariz e Barros, 2715, AP. 1301, Ed. Torre de Itaúna – Marco. Belém/ PA Fone: (91) 3032-9594

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro que li as informações acima sobre a pesquisa e que me sinto perfeitamente esclarecido (a) sobre o conteúdo da mesma, assim como os seus riscos e benefícios. Declaro ainda que, por minha livre vontade, aceito participar desta pesquisa, bem como aceito a participação das crianças que se encontram sob minha responsabilidade.

Belém, ____ de _____ de ____.

Assinatura do participante da pesquisa

ANEXO 4. APROVAÇÃO DA PESQUISA PELO COMITÊ DE ÉTICA



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS



Carta Provisória: 039/11 CEP-ICS/UFPA

Belém, 06 de abril de 2011.

A: Prof.ª Dr.ª Simone Souza da Costa Silva

Senhora Pesquisadora,

Temos a satisfação de informar que seu projeto de pesquisa "AS REPERCUSSÕES ECOLÓGICAS DO PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA SOBRE A DINÂMICA FAMILIAR EM UMA COMUNIDADE RIBEIRINHA" de CAAE 0146.0.073.000-11 e parecer nº 203/10- CEP-ICS/UFPA, foi apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará, na reunião do dia 05 de abril de 2011.

Assim, Vossa Senhoria tem o compromisso de entregar a este CEP, no dia 27 de março de 2012, um relatório indicando qualquer alteração que possa ocorrer após a aprovação do protocolo.

Atenciosamente,


Prof. Dr. Wallace Raimundo Araujo dos Santos.
Coordenador do CEP/ICS/UFPA

PROGRAMA BOLSA
FAMÍLIA: UMA ANÁLISE
DOS ASPECTOS
SOCIODEMOGRÁFICOS
E DAS ROTINAS DE
CRIANÇAS NOS
CONTEXTOS URBANO E
RIBEIRINHO AMAZÔNICO